

A TRAJETÓRIA DE ECLESIASTICOS NO LYCÊO DE MACEIÓ (1850-1950)

Edgleide de Oliveira Herculano
Universidade Federal de Alagoas
edgleide.herculano@hotmail.com

Introdução

Este trabalho utiliza-se da imprensa periódica de Maceió (Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e Arquivo Público), como fundamentais fontes de pesquisa situada na segunda metade do século XIX e XX e é resultado do trabalho desenvolvido pelo grupo de pesquisa “Caminhos da Educação em Alagoas”. Baseado nas notas dos jornais *Diario das Alagoas* (1858-1870), *Gutenberg* (1884-1903) e *Liberal* (1869-1876) verifica-se a trajetória dos padres-mestres na escolarização local por meio de instituições escolares como o Liceu de Maceió e entre outras redes educacionais do ensino público e privado de primeiras letras do Império ministradas nas vilas, cidades e povoados tal como a análise de seus encargos nestes estabelecimentos. Com as funções de lentes do liceu de Maceió, professores de instituições públicas e particulares de primeiras letras em povoados e vilas alagoanas, inspetores de ensino, geral ou paroquial, estes eclesiásticos obtinham uma educação essencialmente voltada para as elites locais, que tinham um grande interesse na conformidade das classes pobres em relação à situação de exploração em que viviam. Entre esses padres destacamos os latinistas padre Manoel Amâncio das Dores Chaves, padre Antônio Procópio da Costa e padre Pedro Lins de Vasconcelos que eram lentes do liceu. No caso, do Padre Manoel Amâncio das Dores Chaves este foi responsável pela formação de uma geração de célebres estudiosos locais, entre eles, Manuel Balthazar Diégues Júnior e Francisco Domingues da Silva. Com a extinção do liceu em 1861, padre Amâncio, entre outros professores, recebeu licença para ministrar aulas de Latim em domicílio.

Contexto histórico

A junção entre Igreja e educação no Brasil *provém* desde a colonização. A importância dos padres na constituição do povo brasileiro seguiu-se por todo o século XIX. Esses religiosos ocupavam encargos de professores secundaristas e de primeiras letras, em instituições públicas, particulares e filantrópicas, inspetores escolares, diretores de escolas, dentre distintas atividades afora do setor educativo, como a política e o jornalismo. A analogia que o clero tinha com a construção educacional do Império era conflituosa por causa da discordância vivente em meio à pedagogia de cunho jesuítico e as novas pendências educacionais, a partir de pensamentos positivistas ou de intensa antipatia ao a menção religiosa. Em meio ao embate de ideários jesuíticos e jesuitismo no século XIX, concretizava a opinião de que a clerezia era responsável pelo a obstrução do avanço educacional, pois negligenciava da constituição ética, corporal e mental dos educando, tendo em aspecto a exação por uma sociedade laica e lógica, sedimentada pela extensão da publicidade liberal. A solidificação desta leitura anticlerical deveu-se, notadamente, aqueles que compunham o Instituto Histórico, disseminada para a tipografia e o parlamento. Se, para os jesuítas a resolução social que se noticiava expressava a contrafação da alma, da moral, da religião e da sociedade, para os liberais e positivistas os inicianos simulavam uma eficácia perniciosa à edificação da ordem, do desenvolvimento, da estabilidade do Estado. No parlamento, na imprensa ou nas escolas os padres conservavam prestígio, em grande parte, por eles incumbirem à reminiscência de homens eruditos num país cercado por uma população quase que completamente iletrada. A reforma da Igreja Católica, na segunda metade do século XIX, atentou de provocar o afastamento entre os religiosos conservadores e liberais. Os primeiros atentavam da não-desintegração dos apegos cristãos e os demais almejavam atualizar os princípios do catolicismo a modernidade.

A classe abastada elucidada do século XIX, em particular àquela vinculada à imprensa, sustentava certo fascínio por religiosos que, apesar não pregassem um catolicismo letrado, prestavam assistência e correção do povo, ao compatibilizar forças na acolhida ao desprovido, na aceção de modificar a população ociosa em energia de trabalho. Deste modo, se comportavam padres e frades franciscanos no século XIX em Alagoas, sujeitando a comodidade particular e ainda mesmo suas vidas, ao frequentar comunidades em estado de conflito, doentes e famélicas, localizadas em regiões distantes, isoladas das cidades e povoados, além disso, bem auxiliados pelo domínio público. A partir de leituras positiva como pode se observar em descrições de cronistas da imprensa que abordavam com alento o trabalho missionário desses devotos, os quais foram pioneiros no Brasil da consciência da obrigação do Estado com o princípio da integridade, do trabalho, da educação letrada, da saúde e da ética.

Os eclesiásticos nas escolas

A trajetória educacional de padres-mestres que operaram em Alagoas, especialmente no Império, expõe do ofício de docentes nas escolas de primeiras letras tanto nas cidades como nas vilas e povoados, em virtude de um bem-conceituado encargo de lente do Liceu de Maceió. Essa instituição tinha visibilidade de universidade no século XIX – onde recebiam os jovens nobres que eram designados aos cursos de Direito e Medicina.

No estudo foi possível conhecer o itinerário educacional de padres-mestres que atuaram em Alagoas, sobretudo no Império. Constatam-se funções na profissão docente tanto nas escolas de primeiras letras em cidades, vilas e povoados, como no prestigiado cargo de lente do Liceu de Maceió. No período em que cerca a pesquisa segundo as fontes do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas havia por volta de 14 padres envolvidos com atividades educacionais, tanto no magistério, na direção de colégios ou na colocação

de inspetor. Desse número apenas três competiam à Corporação do Liceu: padre Manuel Amâncio das Dores Chaves, padre Antônio Procópio da Costa e padre Pedro Lins de Vasconcelos, a qual a pesquisa irá se detiver. Além atividades relacionadas ao magistério, enfatizavam padres proprietários de conceituados jornais, como padre Antônio José Costa (1817-1896), dono do periódico *Diário das Alagoas* que circulou no período entre 1858 e 1888, na publicação do ensinamento do partido Conservador. Padre Antônio Procópio da Costa incluía-se entre os professores para os quais a Diretoria da Instrução fazia menção especial pelo zelo e dedicação ao ensino. Sua fama alcançou o romance de Pedro Nolasco Maciel, *Traços e troças*, reeditado em 1964. Padre Pedro Correia da Silva era professor da cadeira de Piaçabuçu, padre Lins de Vasconcellos era professor do Liceu, e com a fundação da Escola Normal em 1869, ele passou a ser professor de português do Curso Normal. Antes, em 1862, o *Diário das Alagoas* comunicava a abertura de um colégio de instrução primária e secundária, tendo como responsáveis o referido padre e Antonio Antero Alves Monteiro. Ele também compunha bancas examinadoras de exames escolares e concursos; padre João Francisco de Góes era professor de primeiras letras no interior da província, mas havia pedido transferência para o colégio fundado por Procópio Carotá, ex-diretor da Instrução Pública. O padre José Prudente Telles da Costa merece mais atenção. Ele pertencia à povoação de Jacuípe, era professor de primeiras letras e tinha sérias divergências com a administração da província e com o diretor parcial dos índios daquela cidade. Em 1859 ele já havia iniciado suas atividades de ensino. Senhor de engenho, era também um exaltado chefe político local do Partido Conservador. Talvez por esses vínculos, ele tenha sido assassinado em 03 de janeiro de 1898. Padre Amâncio das Dores Chaves era professor substituto de Latim do Liceu de Maceió, e dirigiu a redação do jornal *O Constitucional* juntamente com Filinto Elysio da Costa Cutrin. Como os demais periódicos alagoanos, ele teria um tempo de circulação.

A participação dos padres no Liceu de Maceió

Neste eixo desta discussão reluz a importância de três padres que fizeram honrosa trajetória na instituição do Liceu de Maceió. Principalmente, no que diz respeito ao padre Amâncio que devido ao seu prestígio e competência era citado regularmente pela imprensa alagoana. A seguir um pouco da biografia desses célebres eclesiásticos:

- *Padre Manoel Amâncio das Dores Chaves:*

Foi professor de língua latina, desde 1858. No jornal *Diário das Alagoas* se aparecia constantemente através de pedidos à Diretoria da Instrução Pública, com relação à autorização para tratamento de saúde, prestação de ordenados obsoletos ou sobre requerimento de convênio de locação. Padre Manoel Amâncio das Dores Chaves sustentou-se como educador do liceu de Maceió até 1861, ano de sua extinção. Daí foi possibilitado por meio da Diretoria da Instrução Pública a instituir uma cadeira de Latim na capital para preencher àquela que antes fora gerenciada no Liceu. Em 1863 o Liceu foi reaberto, posteriormente padre Amâncio regressa à cadeira de Latim. Além de exercer a função de professor de latim do liceu alagoano e fundador juntamente com Filinto Elisio do jornal *Mercantil* no qual ele era jornalista.

Na Guerra do Paraguai ressalta Félix Lima Júnior em *Maceió de Outrora* que o padre permaneceu inteirado como extraordinário apoio seja na doação de seu ordenado como na formação de poesias para voluntários. Está anotado no jornal *Diário das Alagoas* de 8 de janeiro de 1863, no expediente do governo provincial de 24 de janeiro, que “padre Amâncio oferta parte do seu ordenado(10%) ao Governo Imperial para custear a Guerra, como lente de latim desta capital”. Em relação a isso Ricardo Salles (1990), comenta que muitos desses homens por serem,

funcionários públicos abriam mão de parte ou da totalidade de vencimentos por prazo determinado, ou pelo período de duração da guerra. João Marcelino da

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-
4514

Silveira, professor jubilado de primeiras letras – ofereceu-se para substituir o professor de primeiras letras da vila de Curumpu, Capitão Francisco Manoel da Cunha Junior, que segue como voluntário, cedendo os vencimentos que perceber por esse trabalho, para as despesas da guerra (SALLES, 1990, p. 98).

- *Padre Antônio Procópio da Costa:*

Padre Antônio Procópio da Costa era padre-mestre da Igreja do Livramento e catedrático do Liceu Alagoano. Merece evidência pela Diretoria da Instrução Pública, pelo fato de apresentar estima e afeição a arte de educar. Como era professor do Liceu estava designado para compor as bancas examinadoras como é mostrado no Diário das Alagoas, Maceió, 3 de agosto de 1861, sobre determinada declaração concernente à nomeação de Thomas do Bomfim Espíndola e do professor Padre Antonio Procópio Costa, para a comissão examinadora dos candidatos ao lugar de segundo auxiliar da secretaria da presidência.

- *Padre Lins de Vasconcellos:*

Padre Pedro Lins de Vasconcellos era professor de português da Escola Normal, em 1869, Antes, em 1862, o Diário das Alagoas comunicou a abertura de um colégio de instrução primária e secundária em Maceió tendo como responsáveis o padre Lins de Vasconcellos ou Antonio Antero Alves Monteiro. Nos exames realizados pelo Colégio Bom Jesus, tem destaque o nome de Adriano Jorge, presidente da comissão organizadora, além dos examinadores: os padres Pedro Lins de Vasconcelos e Manuel Antonio da Silva Lessa, o agrimensor Manuel de Souza Braga e o diretor da instituição Diegues Junior. Acompanha as matérias examinadas e a lista dos alunos aprovados.

Esses três eclesiásticos representam uma categoria de missionários que fizeram parte da história alagoana que a partir desses estudos justificam muito o perfil religioso

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-
4514

presente nas escolas até os dias atuais no estado de Alagoas que são consideradas instituições de honrosos méritos e de exclusivos méritos de qualidade educacional.

Referências

COSTA, Craveiro (1931). **Cem anos de jornalismo – memória histórica sobre o jornalismo em Alagoas**. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*. Maceió, pp.78-130.

DUARTE, Abelardo. **História do Liceu alagoano**. Maceió: Departamento Estadual de Cultura, 1961.

MACIEL, Pedro Nolasco. **Traços e troças**. 2 ed. (Anotada e comentada pelo historiador Félix Lima Júnior. Maceió: Departamento Estadual de Cultura, 1964.

SALLES R. **Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exercito**. RJ: Paz e Terra, 1990. p. 65.